

Um ensaio inédito de Eduardo Lourenço sobre o *Pessoa* de Casais Monteiro

ADOLFO CASAIS MONTEIRO e Eduardo Lourenço são não apenas dois nomes decisivos na fortuna crítica da obra de Fernando Pessoa, como porventura, de entre os seus maiores críticos, aqueles cujas propostas revelam de forma mais evidente uma afinidade no modo de fazer crítica. Casais Monteiro terá sido para Eduardo Lourenço a principal referência de uma primeira geração de críticos, mesmo se nela incluímos não apenas os da Presença como também os que imediatamente lhe sucederam. Não surpreende por isso que não surja integrado no conjunto identificado por Lourenço com o dos críticos cujas leituras vieram reduzir a estranheza da obra de Pessoa, por nela procurarem um fundamento que lhe era exterior, explicando-a a partir de fora. Este diagnóstico das principais linhas da fortuna crítica, contido nas primeiras páginas de Pessoa Revisitado, de 1973, não só não contempla uma análise do Pessoa de Casais Monteiro, como vem recuperar algumas das críticas já avançadas pelo poeta da Presença relativamente aos estudos de João Gaspar Simões e Jacinto do Prado Coelho.

Publicado no ano seguinte ao da morte do poeta e crítico presencista, Pessoa Revisitado é dedicado à memória de Adolfo Casais Monteiro. Nas breves considerações que lhe são consagradas na primeira parte do livro, Lourenço defende que Casais Monteiro foi o primeiro crítico a pôr em causa a identificação do retrato e biografia dos heterónimos com as respetivas obras, desconfiando da naturalidade desta relação. A leitura aí proposta da «Carta sobre a Génese dos Heterónimos» como sonho acordado recorre também, como assinala Lourenço, a um conceito já empregado por Casais Monteiro. O modo como Lourenço apresenta as suas diferenças face às propostas de Casais Monteiro, que segue naturalmente apenas de forma parcial, é revelador, talvez mais do que de uma proximidade exegetica, de uma afinidade de atitude ou postura do crítico face à obra. Esta afinidade terá contribuído para que Eduardo Lourenço nunca tenha procedido publicamente a uma revisão crítica das propostas do poeta da Presença, nos moldes em que o fez a respeito de tantos outros.

Num ensaio incompleto, escrito nos anos 60, e aqui publicado pela primeira vez, Lourenço esboçou as linhas gerais daquele que seria «O Pessoa de Casais Monteiro». Escrito após a primeira reunião em livro, em 1958, dos artigos pessoanos do crítico presencista, que apelida de «aproximações», e a publicação do famoso ensaio de Lourenço «'Presença' ou A Contra-Revolução do Modernismo Português», que cita, este texto apresenta Casais Monteiro como herdeiro da «experiência modernista», possuindo a sua leitura de Pessoa «a marca do que não é neutro e mesmo da paixão». É deste modo que Lourenço justifica que, contrariamente aos restantes primeiros críticos, a sua «crítica» não seja «proveniente» ou não se encontre «ao serviço de qualquer filosofia», apresentando-se «sem dogmas mas não sem princípios». As definições aqui delineadas da atividade crítica de Casais Monteiro são absolutamente decisivas, não apenas para a situar devidamente entre os primeiros contributos da crítica pessoana como também por forma a entender a relação entre dois dos seus principais representantes.

Pedro Sepúlveda